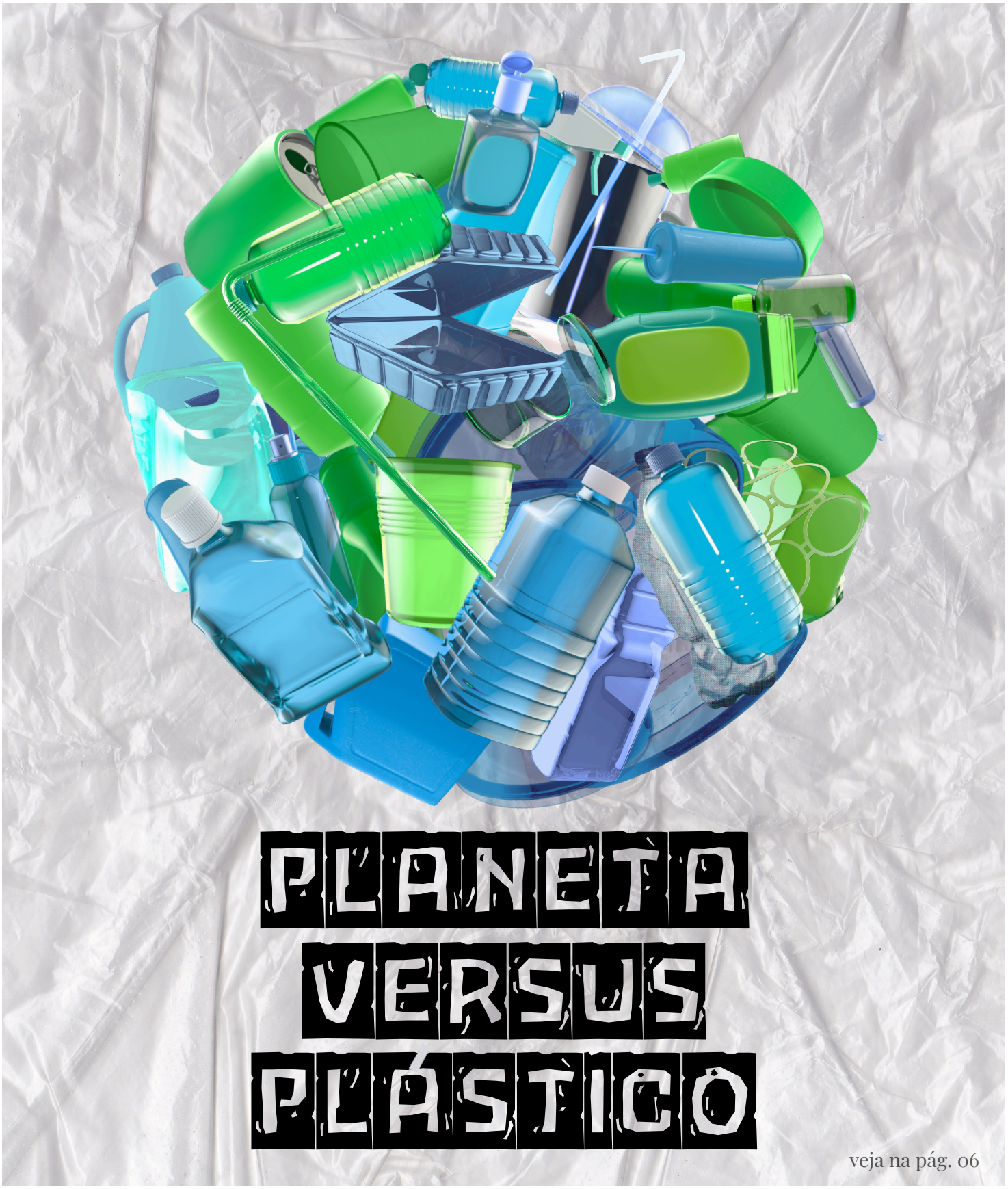
PETNEWS

Programa de Educação Tutorial de Gestão Ambiental

INSTITUTO FEDERAL Rio Grande do Sul

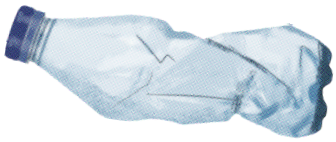
FAZENDO CONEXÕES AMBIENTAIS

Ano 3; Edição 11
Junho de 2024



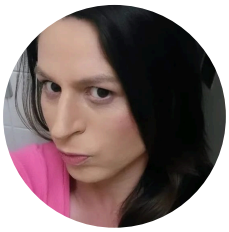
veja na pág. 06

EDITORIAL



EDITORES E REVISORES

Rafael de Borba


Caroline Pereira

Carolina Casarini Reis

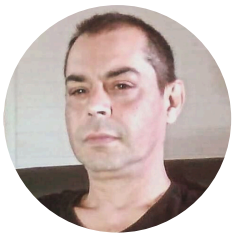
DESIGNER GRÁFICO

Carolina Casarini Reis

TUTOR

Celson Silva

COLUNISTAS


Alexandre Andrade

Bruna Marques de Alencastro

Carolina Casarini Reis

Caroline Pereira

Evandro Damasceno Morais

José Mauricio Morinico

Lucio Ferreira

Michelle Leão

Rafael de Borba

@pet.gestaoambiental

programa.petconexoes@poa.ifrs.edu.br

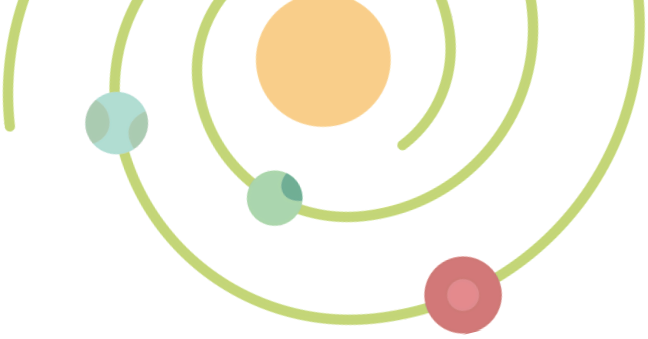
Sala do PET - Torre Norte, 8° andar

SUMÁRIO

Coluna do mês 03
Espiada Mensal 05
Matéria da capa 06
Balbúrdia Ambiental 08
PETFLIX 09
A dica tá aqui 10
Observatório 12
ODS 13

DIA DA TERRA

POR BRUNA MARQUES DE ALENCASTRO



O terceiro planeta mais próximo do Sol, também chamado de planeta azul. Sim! Estamos falando da Terra. Nossa “grande casa”, se formou há aproximadamente 4,6 bilhões de anos e atualmente abriga milhões de espécies. Desde 1970, ganhou um dia só para ela: o Dia da Terra. Comemorada todo ano no dia 22 de Abril é celebrado em mais de 190 países. essa data visa promover debates globais sobre a necessidade de conservar os recursos naturais do nosso planeta. Não é só uma data de celebração, mas prioritariamente, de conscientização. Afinal, o que estamos fazendo com a nossa casa?

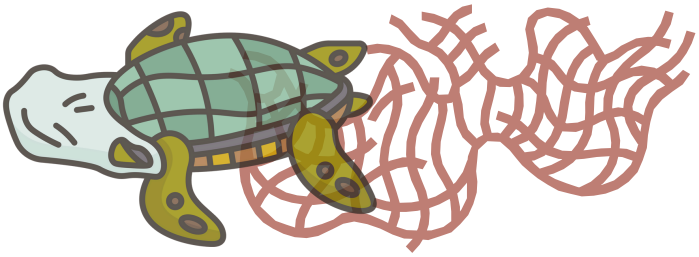
O único lugar do universo, do qual sabemos que existe vida, está pedindo socorro. Situações como as alterações climáticas, a perda de biodiversidade, a escassez de água e a poluição estão entre os aspectos mais preocupantes da saúde do planeta.Ignorar a capacidade do planeta de nos prover os recursos essenciais para o bem-estar é agir contra nós mesmos. E reduzir a possibilidade das gerações futuras de obterem uma boa qualidade de vida. Por isso, no Dia da Terra são programadas milhares de ações com um impacto real sobre o nosso meio ambiente.

O tema deste ano é Planeta X plástico. Grandes organizações promovem limpezas em áreas degradadas, uma das ações mais recorrentes realizadas nesta data. Mas nós como cidadãos, podemos fazer um pouquinho a cada dia.

Abaixo listo cinco ações destacadas pela Rede Dia da Terra (ONG que coordena as atividades do Dia da Terra em todo o mundo) como inspiração:

ALFABETIZAÇÃO AMBIENTAL

Procure se reeducar ambientalmente, começando por se informar sobre o impacto negativo da produção e do uso do plástico;



REDUZA O CONSUMO DE PLÁSTICO

Busque alternativas para o plástico que podem ser incorporadas no seu dia a dia;

PLANTIO DE ÁRVORE

Já ouviu a frase “plante uma árvore e...”? Pois então, realmente faça isso! A oportunidade de plantar e acompanhar o desenvolvimento de uma planta é muito benéfico para a nossa saúde mental e não custa muito. Comece por um pequeno jardim (vertical se morar em apartamento) e. depois, se puder, plante uma árvore frutífera, colha e saboreie sua fruta;

CONSUMA MODA SUSTENTÁVEL

A indústria da moda é uma das mais poluentes do mundo, daí a importância de consumir e promover a moda sustentável. Que segue práticas sustentáveis em abastecimento, produção, distribuição, comercialização e consumo;

CONTRIBUA PARA A LIMPEZA GLOBAL

Pode parecer clichê, mas não jogar o lixo no chão e sim na lixeira, é uma atitude que muitas pessoas ainda precisam aprender! Além disso, participe das iniciativas de limpeza ou cleanup próximas de você. Se junte a outras pessoas para coletar lixo, plásticos e resíduos humanos de espaços naturais.

ESPIADA MENSAL

POR LUCIO FERREIRA E JOSÉ MAURÍCIO MORINICO

Nas alturas dos Andes, onde picos nevados tocam o céu, pulsa uma tradição milenar: o Dia da Pachamama. Celebrado em 1º de agosto, este ritual ancestral homenageia a Mãe Terra, conhecida como Pachamama na língua quíchua, e representa a profunda gratidão dos povos andinos à natureza e um pedido de bênçãos para as próximas colheitas.

Com raízes nos tempos dos Incas, que cultuavam a Pachamama como divindade da terra e da fertilidade, o Dia da Pachamama vai além de uma simples festividade. É um momento de profunda conexão com a Mãe Terra, reconhecendo sua importância vital para a vida e a sobrevivência. Para os povos andinos, tudo no planeta tem vida, desde as pessoas até as montanhas e rios. Pachamama representa essa conexão profunda e holística com a natureza, que permeia cada aspecto da vida cotidiana.

A celebração do Dia da Pachamama é marcada por uma cerimônia rica em simbolismo e tradição. As comunidades se reúnem para preparar oferendas à Mãe Terra, cuidadosamente selecionadas para expressar gratidão e pedir bênçãos. Folhas de coca, fetos de animais, moedas, bebidas, cigarros e comida são alguns dos elementos que compõem a mesa farta preparada para Pachamama

Um buraco sagrado é cavado no chão para receber as oferendas, que são "alimentadas" à Mãe Terra. Acredita-se que, ao consumir esses presentes, Pachamama renova sua força e garante a fertilidade da terra para as próximas colheitas. As oferendas são então cobertas com um cobertor Lliclla, típico da cultura Inca, simbolizando a proteção e o cuidado que os povos andinos dedicam à Mãe Terra.

A cerimônia culmina com a queima das oferendas, um ato que representa a entrega simbólica dos presentes à Pachamama. Ao mesmo tempo, o fogo purifica o ambiente e abre caminho para a celebração, que se estende com música, dança e a alegria de compartilhar a comunidade.

Os Guarani, por sua vez, possuem uma concepção de pertencimento à terra, e não o contrário. Conforme José Maurício Morinico, representante da etnia M'bia Guarani, discente no curso superior de Gestão Ambiental no IFRS, campus Porto Alegre, para os M'biá Guarani, a Terra é mais do que apenas um lugar onde vivemos, é a base de tudo. “A Terra é nossa mãe, pois é dela que nascemos e é dela que tiramos nossos alimentos e remédios. Desde o nascimento até a vida adulta, estamos em contato constante com a terra, seja para plantar, seja para receber seus benefícios. Por isso, a chamamos de mãe e a respeitamos profundamente. Cuidar da terra é essencial, pois ela nos proporciona tudo de que precisamos para viver. As crianças Guarani são ensinadas desde cedo a ter contato direto com a terra, pois para eles, a terra não é sujeira, mas vida. Em nossa cosmovisão, tudo está conectado: a terra, as águas, as pedras, toda a natureza é nossa vida. Por isso, é nosso dever cuidar dela, pois é dela que vem nossa sobrevivência”, explica José Maurício.

Na celebração do Dia da Pachamama, ecoa a sabedoria milenar dos povos ameríndios, um ensinamento que transcende fronteiras e culturas: a Terra é nossa Mãe, e devemos tratá-la com respeito, gratidão e amor. É um convite à reflexão sobre nossa relação com o meio ambiente e a necessidade de agirmos de forma consciente e sustentável para garantir a saúde do planeta e a vida para as futuras gerações.

PLANETA X PLÁSTICO

POR CAROLINE PEREIRA

Plástico. Essa palavra, que denomina, de maneira genérica, boa parte dos componentes de quase tudo que nos rodeia e que vestimos ou de ferramentas que usamos, é derivada do grego plastikos, que, por sua vez, refere-se a uma qualidade presente na natureza, daquilo que é flexível, que pode ser moldado por calor ou pressão e transformado em outros objetos. O plástico que conhecemos hoje teve início em 1839 com a vulcanização da borracha, e, em 1907, o químico belga Leo Baekeland (1863-1944) desenvolveu o precursor de um material totalmente sintético e economicamente atraente, utilizando petróleo, carvão e gás natural no processo de polimerização. A partir daí, o material entrou em nossa vida de maneira avassaladora, desde o poliéster, PVC, náilon, poliuretano, teflon ao silicone, de tal forma que nos parece inviável a vida moderna sem esses materiais. E é justamente no seu uso indiscriminado que surge um dos grandes fatores de impacto ambiental, de maneira que ainda estamos tentando compreender a real dimensão.

Produzimos mais de 430 milhões de toneladas de plástico anualmente; no entanto, cerca de dois terços são produtos de uso único, como as embalagens plásticas que abrimos para desembalar produtos alimentícios, brinquedos, desde à banana descascada vendida no supermercado ao invólucro de balas. Quando os descartamos, permanecem por muito tempo no ambiente, degradando-se em microplásticos, acabam voltando para nós, por meio da cadeia alimentar, e até mesmo pela respiração. Está presente desde o nosso sangue ao leite materno.

Para além do problema criado a partir do seu descarte, o processo de fabricação é outro aspecto que concorre para o agravamento da crise climática. Só em 2019, a produção destes materiais gerou 1,8 bilhão de toneladas métricas de emissões de gases de efeito estufa. Para além das embalagens dos produtos que consumimos diariamente, a agricultura e a indústria pesqueira são outras áreas onde o plástico está presente de maneira ostensiva, contaminando corpos hídricos e solo.

Uma vez que todos já ouvimos muitas vezes a respeito da problemática dos plásticos, o que está sendo feito a respeito disso a nível global? Em 2022, os Estados-Membros da ONU entraram em acordo com uma resolução para frear a poluição plástica, discutindo toda a cadeia de produção e o ciclo de vida através do desenvolvimento de um instrumento jurídico vinculativo sobre a poluição plástica, com o objetivo de realizá-lo até o final de 2024. Otimismo? Para a autora desta matéria, parece pouco crível que esses objetivos sejam alcançados a curto prazo, tendo em vista o apelo econômico dos plásticos, sem que os governos

se empenhem em medidas drásticas, seja para onerar o uso desses poluidores, quanto ao estímulo ao desenvolvimento científico-tecnológico para alternativas aos novos produtos, como a resolução dos malefícios que bilhões e bilhões de toneladas de todo resíduo plástico que se acumula há mais de cem anos em nossos rios, mares e solos. Uma das alternativas que muito se fala é a reciclagem e o reaproveitamento de materiais, o que esbarra na ineficiência dos governos em estruturar um sistema de coleta e transformação, além da educação ambiental necessária para que as populações realizem a separação dos resíduos domiciliares. No Brasil, por exemplo, a quase totalidade da coleta de materiais recicláveis é feita por pessoas em situação econômica vulnerável, como alternativa de fonte de renda, sem qualquer amparo estatal, expostas a condições de trabalho desumanas e com baixa remuneração. Devemos contar com a consciência e iniciativa dos governos? Tanto o legislativo quanto o executivo são suscetíveis à pressão econômica da indústria, que por sua vez visa o lucro, sem grandes preocupações ambientais. A mudança desse panorama só será possível através da pressão popular, de ONGs, ativistas e da sociedade civil organizada como um todo.

PROJETOS DO GRUPO PET

POR EVANDRO MORAIS

Está no ar mais um episódio do Balbúrdia Ambiental. E no primeiro episódio deste ano, reunimos alguns dos petianos para bater um papo descontraído e falar sobre os projetos do grupo Pet Conexões.

Apresentado pelo bolsista Evandro, neste episódio tivemos Rafael de Borba falando sobre a Pet News, nossa revista digital. Igor Murillo comentando sobre a revitalização de uma coleção didática entomológica em parceria com a escola Cmet Paulo Freire. Revitalização que consiste na recuperação, classificação dos espécimes e fabricação de caixas entomológicas.

Michelle Mathias falou sobre a oficina vivência Guarani mbyá apresentada durante a Mostra Poa de 2023 no IFRS campus Porto Alegre. A oficina realizou uma imersão na cultura Guarani mbyá que resultou, posteriormente, em uma visita a aldeia indigena. Ela também comentou sobre a nossa exposição indígena que ocorreu dia 24 de Abril deste ano.

Carolina Reis comentou sobre o nosso Ciclo de debates Socioambientais, que acontece todo ano e já apresentou temas como: Hortas urbanas como espaço de resistência sustentável e Bioma Pampa, e que este ano apresentará a temática racismo ambiental e será realizado neste ano.

Por fim comentamos as novidades sobre o Balbúrdia ambiental, agora com novo local de gravação, para que possamos melhorar a qualidade do nosso áudio.

Fiquem ligados para os próximos episódios!

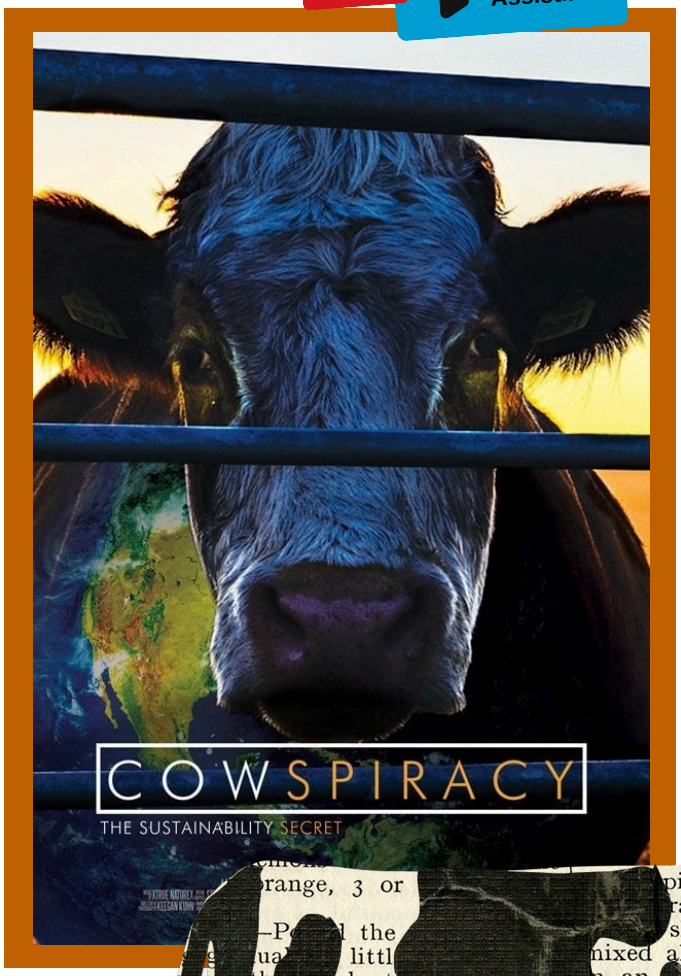
PETFLIX

Filmes Séries Documentários

POR RAFAEL DE BORBA

TOP 10

Assistir



Cowspiracy

2014 | 1h31 | Documentário | NETFLIX

É um documentário que levanta a surpreendente verdade sobre o impacto ambiental da pecuária. Através de uma investigação profunda, o filme revela que a indústria da carne é a principal responsável pelo desmatamento, emissão de gases do efeito estufa, uso da água e poluição.

Por pontos fortes do documentário, podemos destacar a apresentação de dados alarmantes sobre o impacto da pecuária; a abordagem de diferentes aspectos da questão, como desmatamento, emissão de gases, uso da água e poluição; investigação das táticas de silenciamento usadas pela indústria da carne e a apresentação de alternativas alimentares sustentáveis.

Como pontos fracos destacamos o foco excessivo na culpabilização do indivíduo, em vez de propor soluções sistêmicas e uma abordagem um tanto polarizada, sem apresentar nuances na discussão.

Cowspiracy é um documentário importante que nos convida a repensar nossa relação com a alimentação e o meio ambiente. Apesar de algumas falhas, o filme é um alerta poderoso sobre a urgência de mudarmos nossos hábitos alimentares para garantir a sustentabilidade do planeta.

A DICA TÁ AQUI

POR CAROLINA REIS

Fazer linha de plástico a partir de sacolas plásticas e de sacos plásticos de pães fatiados, ou do que você quiser utilizar, é um processo fácil que pode ser feito de várias maneiras. Além de ser um material divertido de trabalhar, fazê-la ajuda o meio ambiente! Reduzir a quantidade de sacolas plásticas que você usa é importante, mas às vezes elas ainda se acumulam. A reutilização de sacolas plásticas as mantém fora de nossos aterros, corpos d'água e paisagens. Transformar essas sacolas em material para artesanato é uma ótima maneira de transformá-las em algo novo e criativo!

Neste tutorial você aprenderá uma forma de cortar e preparar a sacola para criar uma linha de plástico.

Você vai precisar de:

- Tesoura
- Sacola plástica

1. Achate o saco de forma que as abas laterais fiquem dobradas e as laterais retas, formando um retângulo

2. Dobre a sacola plástica ao meio e, depois, ao meio novamente

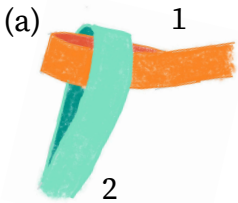
Dobrar a sacola ajuda a cortar tiras retas!

3. Apare o saco, cortando as alças e a base da sacola, na junção dos plásticos

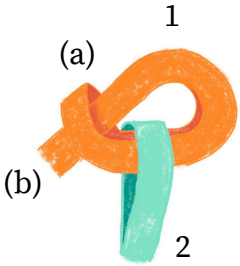
4. Corte tiras com aproximadamente 2 cm de largura

5. Desdobre as tiras. Não corte o laço, a tira deve permanecer circular

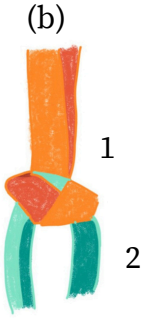
6. Para unir os laços, passe a ponta (a) do laço 1 por dentro do laço 2



7. Em seguida, passe a ponta (b), da outra extremidade do laço 1, por dentro da ponta (a), que passou por dentro do laço 2



8. Puxe a ponta (b) com força, mas sem esticar ou distorcer o plástico. Isso criará um nó e o seu primeiro comprimento de linha!



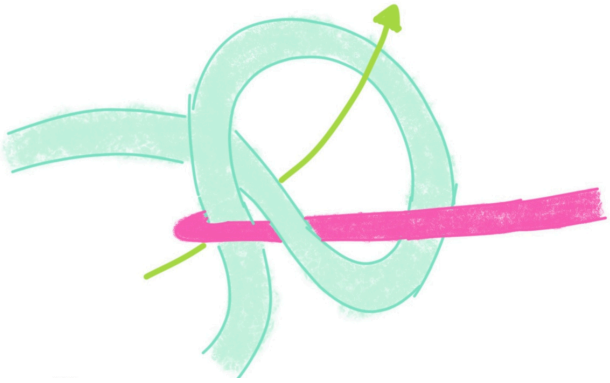
9. Repita os passos 6, 7 e 8, unindo laços por nós até formar um novelo com o comprimento de linha necessária para o seu projeto ou até acabar o material

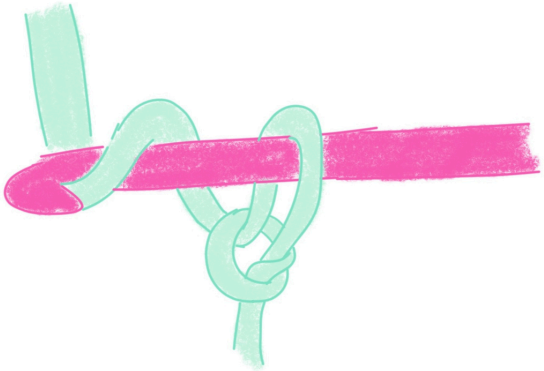
Você pode fazer crochê com o fio de plástico!
Veja como fazer o ponto corrente.

Você vai precisar de:

- Linha de plástico
- Agulha de crochê

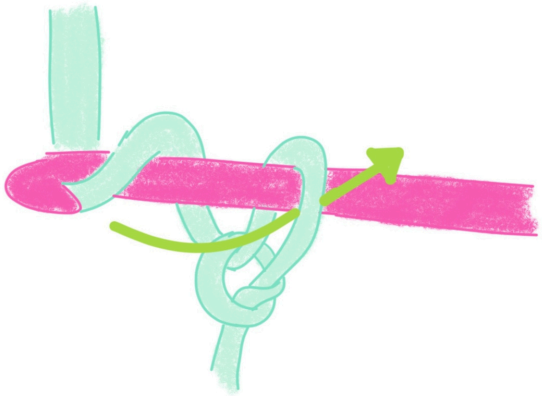
1 Para fazer o ponto corrente, você começa com o novelo à esquerda, fazendo uma voltinha com a ponta da linha e passando a linha que vem do novelo por dentro dela, formando uma alcinha.

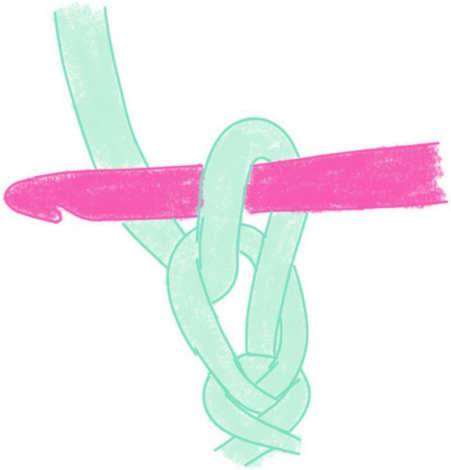




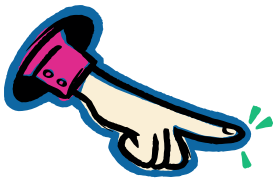
2 Posicione a agulha com a pontinha de lado e passe a agulha por baixo da linha que vem do novelo, "pescando" a linha com o ganchinho da agulha.

3 Na sequência, você vai trazer a linha que acabou de "pescar" e passar ela por dentro da alcinha.





4 Está feito o primeiro ponto corrente de crochê. Para continuar a correntinha, basta repetir os passos 2 e 3.



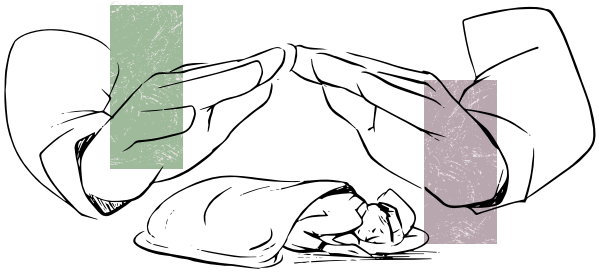
Ao fazer crochê, lembre-se de que a linha de plástico é composta por duas tiras. Certifique-se de que está pegando ambas com sua agulha de crochê.

Cuidado para não puxar a linha com muita força ou o plástico esticará.

Experimente usar plásticos de cores diferentes! Explore quais designs você pode fazer com mais cores.

OBSERVATÓRIO

POR ALEXANDRE ANDRADE



O centro de Porto Alegre, da verticalização ao abandono, para alternativa habitacional.

Nas décadas de 40, 50 e 60, em um período em que a sustentabilidade não era uma preocupação proeminente, o centro de Porto Alegre passou por uma grande transformação, conhecida como processo de verticalização, impulsionado pelo modelo econômico capitalista de desenvolvimento. Esse processo envolveu a substituição das arquiteturas existentes por grandes prédios. Embora esse desenvolvimento tenha trazido benefícios econômicos e oportunidades de emprego para muitas pessoas, também teve impactos negativos, como a perda do patrimônio arquitetônico histórico, o aumento da poluição e a degradação do ambiente urbano.

A verticalização do centro de Porto Alegre atraiu investimentos e uma nova classe de residentes e comerciantes para a região, deslocando comunidades de baixa renda que originalmente habitavam ou trabalhavam na área. Esse processo pode ser visto como um aspecto da gentrificação, onde áreas urbanas antes subvalorizadas são transformadas em bairros mais atrativos para residentes de classe média ou alta, muitas vezes resultando no deslocamento de moradores de baixa renda.

Políticas de limpeza social (higienização) foram implementadas para "limpar" o centro de Porto Alegre de populações consideradas indesejáveis, como moradores de rua, vendedores ambulantes e trabalhadores informais, como parte dos esforços para revitalizar a área e torná-la mais atraente para investidores e visitantes.

O centro envelheceu e os residentes perderam o interesse. Hoje, Porto Alegre conta com 30% dos imóveis desocupados. A falta de investimento em infraestrutura e serviços contribui para uma aparência pós-apocalíptica, com obras inacabadas que causam transtornos e acidentes para quem circula na área.

Podemos pensar o centro como uma alternativa habitacional viável para pessoas que estão em busca de moradia. É essencial que políticas de habitação sejam implementadas para garantir que todas as camadas da sociedade tenham acesso às moradias dignas e seguras. Isso pode incluir iniciativas de habitação social, programas de aluguel acessível e regulamentações que promovam a diversidade habitacional e a inclusão social em todas as áreas urbanas.

Fotos pelo petiano Alexandre Andrade

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

OBJETIVO 10 - REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

POR MICHELLE LEÃO

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) - pacto firmado em 2015 pelos 193 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU), através de um acordo comum e a nível global - propõe diretrizes para serem cumpridas até o ano de 2030, definida como a "Agenda 2030". Com temas interconectados, os Objetivos visam promover equidade nos níveis social, econômico e ambiental, voltados para iniciativas governamentais, iniciativas privadas e para a sociedade civil. Através de indicadores globais, o cumprimento das metas pelos países membros, vem sendo monitorado anualmente e publicado no site oficial da ONU (ONU Brasil, 2024).

O ODS 10 orienta para a redução das desigualdades no interior dos países e entre eles. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2019), são sete tópicos sugeridos para alcançar este destino, que podem se resumir em: equidade de renda; inclusão social, econômica e política; igualdade de oportunidades e da promoção de legislação, políticas e ações adequadas e inclusivas; políticas, especialmente fiscal, tributária, salarial e de proteção social; melhoria da regulamentação e monitoramento dos mercados e instituições financeiras globais; maior representatividade dos países em desenvolvimento em tomadas de decisões nas instituições econômicas e financeiras internacionais globais; e a facilitação da migração e a mobilidade ordenada, segura, regular e responsável das pessoas, inclusive por meio da implementação de políticas de migração planejadas e bem geridas.

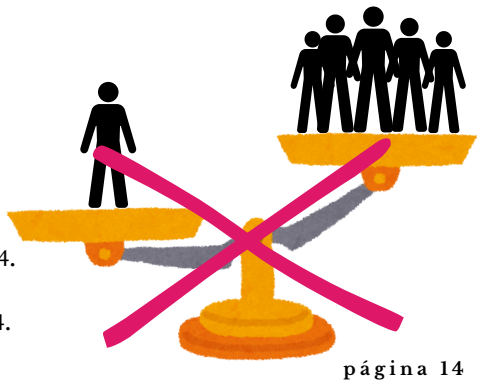
Pactos internacionais e a nível global, como a "Agenda 2030", podem ser uma importante ferramenta educativa e reguladora para aplicação na macropolítica. Para que se possa imaginar, trabalhar e agir coletivamente na construção de um futuro mais digno no planeta. Mas é no âmbito local, observando as particularidades de cada população em seus países - as suas histórias, múltiplas culturas, como também, suas dificuldades, carências e valores - que o trabalho dos ODS poderá ser melhor construído, com um entendimento mais aprimorado das demandas e exigências sociais dos diferentes modos de viver.

No Brasil, a desigualdade socioeconômica é um processo histórico que nasce junto com a colonização do país. Segundo o histórico do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), "(...) É um dos países com maior concentração de terras no mundo, onde estão os maiores latifúndios. Concentração e improdutividade possuem raízes históricas, que remontam ao início da ocupação portuguesa neste território no século 16. Combinada com a monocultura para exportação e a escravidão, a forma de ocupação das terras pelos portugueses estabeleceu as raízes da desigualdade social que perduram até os dias de hoje" (MST, 2024).

Para que o Brasil alcance a redução das desigualdades, o trabalho em 2024 ainda passa pela temática defendida há mais de quarenta anos pelo MST: resolver a concentração de riquezas, geradora de desigualdades, o que no país também significa a democratização das propriedades de terras, como uma das soluções reparadoras e equitativas. Mas agora com uma organização diferenciada nas suas práticas: colocando em primeiro plano uma produção e formas de vida mais sustentáveis ambientalmente, nos territórios do campo e da cidade.

Portanto, entende-se que, para se pensar em igualdade social no Brasil se faz necessário buscar a visão de um novo modelo econômico que resguarde o meio ambiente, proporcionando condições de vida dignas para as populações. Oportunizando moradia digna, emprego e educação, ao mesmo tempo que priorize a manutenção da rica biodiversidade do país, em cada um dos seus biomas. Com respeito e apoio aos modos de vida dos povos originários e comunidades tradicionais, e trabalhando para o fim do racismo estrutural e disparidade de gênero.

DESCUBRA MAIS



Referências:
ONU Brasil, 2024. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs. Acesso em 21.04.2024.
IPEA, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/ods/ods10.html. Acesso em 21 abr. 2024.
IPCC, 2023. Disponível em: https://www.pactoglobal.org.br/. Acesso em: 21 abr. 2024.
MST, 2024. Disponível em: https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/. Acesso em: 21 abr. 2024.